

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Journal de BrasíliaClass.: 278Data 24/05/90

Pg.: _____

Barulho e mistério

Nessa questão dos índios e dos garimpeiros duas coisas parecem haver em demasia: barulho e mistério. Há barulho demais por tão pouco. Se a barulheira é grande para tão poucos feitos, deve haver mistérios ainda insondados na selva onde poucos índios e muitos minérios criam conflitos cuja dimensão real nossa vã filosofia ainda não prescudou.

Começa-se por estranhar a curiosa desproporção entre os 9,4 milhões de hectares que formam a reserva e os 7 mil yanomamis que a habitam. São 1.350 hectares por índio, inclusive os idosos e as crianças. Ainda mais interessante é a coincidência de se situarem justamente nas mesmas áreas as reservas indígenas e as principais reservas minerais ainda inexploradas na Amazônia. Basta sobrepor-se os mapas mineralógicos produzidos por satélite e os mapas das reservas indígenas para se ter idéia de quão notável é o fato de terem os índios escolhido para caçar e pescar justamente as superfícies dos subsolos mais ricos do País.

Há outros paradoxos ainda no indigenismo brasileiro. Os xerentes, nas margens do Tocantins, estão sendo depredados pela cultura branca e pelos criadores de gado sem que ninguém se dê conta do que se passa. Os caiapós, no Araguaia, já se transformaram em pilotos assalariados de barcos de pescadores, suas áreas foram convertidas em pastagens, as palhoças em casebres de adobe onde convivem brancos e índios. Ninguém levanta uma palha para preservá-los. Por que os índios amazônicos são tão privilegiados?

Bem. Longe de nós a idéia de que a mutilação cultural de uns justifica o abandono dos demais. Nada disso. Temos o dever moral e constitucional de preservar os remanescentes para que

não lhes ocorra a dizimação que até aqui tem sido o efeito da nossa negligência atávica. O que nos excita a imaginação é o excesso de zelo e o excesso de área.

A questão dos garimpeiros, por outro lado, não se exaure, absolutamente, na sua dimensão policial. Eles são trabalhadores no exercício de uma atividade profissional legal e legítima. São mal preparados, por isso poluem. São mal orientados, por isso invadem área de reserva legal. Mas são intrinsecamente trabalhadores, iguais aos milhões que povoam a economia informal, e portanto ilegal, das áreas urbanas na busca de uma sobrevivência que a sociedade brasileira não lhes foi capaz de assegurar ao amparo da legalidade e da dignidade.

O governo deveria, ao invés de esgotar-se na repressão policial aos garimpos, desenvolver neles um trabalho associativo capaz de provê-los do mínimo de organicidade, de assistência técnica, social e educacional. Mais organizados e assistidos os garimpeiros se tornariam menos agressivos ao meio ambiente. Perseguidos e oprimidos eles simplesmente se deslocarão de um lado para o outro e continuarão poluindo e poderão até se organizar sob o estímulo do medo e do instinto de sobrevivência. Esse tipo de organização leva ao conflito, não à convivência harmoniosa.

Quanto ao espaço que estamos reservando aos índios, entendemos ser conveniente reestudar a política que o determina. Pode ser que não haja mistério algum, só o excesso de preocupação com eles. Neste caso reduziremos a preocupação ao tamanho apropriado, a política indigenista será mais transparente e menos ideologizada e as responsabilidades do País nessa matéria se exercerão de forma mais consistente e muito mais estável.